

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP, 8, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens molisimum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP, 18, 14.

Summario: O anniversario natalicio de S. Exc.^{ma} Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz. — O milagre de Lourdes e a critica de Emilio Zola. — Secção religiosa: Congressos! por D. Antonio de Almeida. — Secção scientifica: O Diabo e as suas obras, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés. — Secção critica: Lasserre a Zola; Voltaão os frades? por Um catholico. — Secção litteraria: Duas vistas. — Secção bibliographica. — Secção illustrada. — Retrospecto, por R. — Secção administrativa.

Gravuras: S. Raphael, Archanjo. — Marat.



S. RAPHAEL, ARCHANJO

O anniversario natalicio de S. Exc.^a Rev.^{ma} o Snr. Arcebispo Primaz

Guimarães, 1 de novembro.

For festivo e jubiloso para a nobre cidade de Braga e para toda a archidiocese bracaraense o dia 16 de outubro. Comemoramos, então, o anniversario natalicio d'um Pae, que nos ama, d'um Pastor, que nos guia, d'um Mestre, que nos ensina, com a eloquencia persuasiva do exemplo, a pratica das mais bellas virtudes christãs. Esse Pae, esse Pastor, esse Mestre é o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas. Mestre, elle não deixa de ensinar-nos a humildade mais profunda, a caridade mais ardente; Pastor, é solícito em guiar o rebanho, que Deus lhe confiou, quer promovendo a educação e instrucção do seu clero, quer consagrando ao SS. Coração de Jesus, de que é devotissimo, a sua archidiocese, ou pedindo a Maria Santissima — dispensadora de todas as graças — protecção para os seus subditos; Pae, elle castiga, chorando, perdôa, sorrindo, aos que têm fome dá pão e consolações aos que soffrem! Não admira, pois, que, no dia anniversario do nascimento de tão illustre Prelado, todos os fieis se unam espontaneamente e lhe panteiem o seu amor, submissão e respeito, ao mesmo tempo, que elevam a Deus as suas preces fervorosas, pedindo a conservação de tão preciosa vida.

Isto deu-se. Todos, como que á porfia, saudaram o illustre Prelado Bracaraense — os jornalistas com os seus órgãos, cavalheiros de todas as posições sociaes com os seus cumprimentos de parabens e até os pobres com as suas lagrimas de reconhecimento... *Dilectus hominibus!* O glorioso episcopado de S. Exc.^a Rev.^{ma} tem sido evidentemente protegido por Deus; pois, apesar

da dissolução e da impiedade, que infelizmente se têm alastrado pelas sociedades modernas, o Minho, este jardim de Portugal, conserva-se ainda firme na sua crença, respeitavel nos seus sentimentos catholicos, feliz nas suas virtudes christãs. E se é certo que muitas circunstancias concorrem para o progresso catholico na archidiocese bracaraense, uma d'ellas, e não a de somenos importancia, é a vigilancia do Pastor, que nos guia, e que tem tido, como principe da Igreja lusitana, provas evidentes das complacencias de Deus para com elle... *Dilectus Deo!*... E uma d'essas provas é a prolongação d'essa vida, que está destinada a dar ainda muita gloria a Deus e a trabalhar pela salvação das almas.

O *Progresso Catholico* junta a sua humilde voz ao concerto unanime de louvores e homenagem ao Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato; e, embora tardios, nem por isso deixa de apresentar os seus cordiaes e respeitosos cumprimentos a S. Exc.^a Rev.^{ma}, pedindo aos seus bondosos leitores as suas orações, para que Nosso Senhor nos conceda a graça de prolongar por muitos annos a preciosa vida do bondosissimo Prelado, que se assenta na cadeira de S. Pedro de Rates.

A REDACÇÃO.

O milagre de Lourdes e a critica de Emilio Zola

(Conclusão)

XI

Com o retorno d'aquella mesma precisão de 20 de agosto houve um caso muito fallado por toda a França.

Pedro Delannoy soffria, desde 1883, aos seis annos, de uma ataxia locomotriz, reconhecida tal por dezeseis medicos de nove hospitaes de Paris. Entre esses, pelo dr. Charcot, da Salpêtrière, que o tinha tratado. Por dever de offi-

cio todos lhe haviam dado uma declaração escripta. O pobre homem fôra martyrisado por cauterios, ferro candente e por cincoenta suspensões; tudo baldadamente.

Estava já no terceiro periodo da doença, no qual as lesões da medulla já não têm remedio.

Animado de uma fé ardente na Virgem de Lourdes, conseguiu ir na peregrinação nacional; e não na piscina, mas enquanto passava o Sacramento, elle, estirado no chão, deante da gruta, a Adora e invoca, mediadora da graça, a Virgem. Sente-se como forçado a levantar-se: caminha, curado de repente, mas curado de modo que executa os movimentos mais fadigosos, como se nunca houvesse sido atacado do terrivel mal. Basta este telegramma, expedido 11 dias depois, a 1 de setembro, do Hospital da caridade de Paris, para onde o Delannoy tinha voltado: — «Temos visto o Delannoy quatro vezes n'esta semana; os medicos estão doidos; elle caminha como um carteiro campestre».

O dr. Petit, professor na faculdade de Rennes, que redigiu o relatorio scientifico d'este acontecimento, depois de o descrever e analysar, diz: «Qual é o homem de boa fé; qual o integro donto que possa recusar-se a abaixar a cabeça á vista de um tão maravilhoso successo?»¹

Uma cura, como a de Pedro Delannoy, só pôde realizar-se por obra directa de Deus Omnipotente, que, vivo e verdadeiro, passava por entre as turbas junto d'este humilde e penitente operario, prostrado no abençoado pó da gruta.

N'um caso como este, que pôde haver de phantastico ou de fingido? O mal? Não. Provam-no os attestados de 16 clinicos e os seis annos de tratamento tormentoso. A cura? Tambem não: foi manifesta e perseverante. «No seguinte agosto de 1890, Delannoy, tornando a Lourdes na peregrinação nacional, se metteu no meio dos carregadores de doentes dos hospitaes para a piscina e nenhum mais agil nem mais expedito». Assim o diz Boissarie, que o viu de perto. Assim, o que fica de phantastico ou de fingido? Nada, senão o coração e os miolos de quem se obstina a negar a verdade.

XII

No passado anno de 1893 chegava a Lourdes com a peregrinação nacional a menina Constança Piquet de Solaires, trazendo um attestado do dr. Martin com declaração de estar ella affectada de um cancro no peito, que elle não julgava conveniente cortar-lh'o por opera-

¹ *Annales*, 30 de novembro e dezembro de 1889, e de janeiro de 1890. — Boissarie, *Histoire medicale*, pag. 56-60.

ção cirurgica, porque sendo incuravel na raiz, se renovaria sempre. De resto, o tumor pela sua grossura bem se podia vér e tocar.

A 22 e 23 d'agosto a enferma mergulhou na piscina, mas inutilmente. Torna na manhã de 24, entra na agua onde o tumor por si mesmo e sem ella o perceber esmaga-se e desaparece.

N'aquella mesma manhã a Piquet vai ao posto medico para fazer verificar a subitanea sanção. « O exame mais firme, escreveu Boissarie, no processo verbal, feito por doze ou quinze doutores que me cercavam, não nos levou a descobrir o minimo vestigio do tumor desvanecido dentro da agua ».

Mas, não contente com esta indicação, o illustre doutor publicou as suas investigações sobre a verdadeira natureza do tumor; procurou testemunhas confirmadoras; seguiu o progresso da cura, que se manteve constante e foi reconhecida pelo incredulo dr. Martin, de modo que, removida toda a duvida, o facto da Piquet, diz elle bem ajustadamente, será um dos mais admiraveis de Lourdes. E se o Zola se compraz em o dar por uma graça da phantasia, que lhe preste. Nós, porém, apostariamos quanto elle quizesse em como elle não accetteria o brinquedo do cancro de que a Contança Piquet foi portentosamente livrada na agua da piscina de Massabielle.

XIII

Segundo dissemos, o milagre de Lourdes não se manifesta sómente no Santuario, ao longo do rio Gave, ás faldas dos Pyrenéos, mas por toda a parte, até ás longinquas Indias e á Australia. Citaremos, pois, ainda um ultimo prodigio, mas acontecido em Italia, assim como citámos já um succedido na Belgica. E de tanto melhor vontade o referimos, quanto mais seguros estamos da sua fidelissima verdade, pois que pôde dizer-se operado á vista do escriptor d'estas paginas.

O jornal *La Voce della Verità*, de Roma, a 2 de dezembro de 1880, publicava uma carta de monsenhor Nardi, conego penitenciario e director do observatorio meteorologico de Fresole, na qual pedia se publicasse a sua narrativa de um facto, do qual fóra testemunha por ter acontecido a uma sua carissima irmã.

A narrativa seguiu a carta, datada de Pratovecchio, na Toscana, a 30 de novembro de 1880, e era do seguinte teor:

« A snr.^a Elvira Ragginioli, Nardi de familia, de 32 annos de idade, residente n'este paiz de Pratovecchio, na quinta-feira, 25 do mez espirante, cahiu gravissimamente doente de pleurite, complicada de endocardite-valvularaortica,

por causa rheumatica, acompanhada de violentissima febre, que prestes a levou ao delirio.

« Sendo inefficazes os mais energicos remedios da medicina, as mais numerosas sangrias, a repugnancia a todo o alimento, a difficuldade da respiração, a extenuação de forças, desvaneciam toda a esperança de curativo.

« Telegraphou-se ao irmão da enferma, rev.^{do} conego Carlos Nardi; depois de uma junta de tres medicos, a familia resolveu a administração do SS. Viatico a Elvira, já disposta para a morte e desejosa de passar á beata eternidade.

« Hontem a hora adiantada da noite foi administrado o Viatico; o medico assistente julgou o caso inteiramente desesperado, ou pouco menos. Momentos depois, por meia noite, um primo da doente, Silvio Silvestre, assistente á occasião, notou que a doente com os olhos fixos no céu, sorria e se esforçava por estender os braços para um objecto invisivel. Acercando-se mais, perguntou-lhe, o que tinha?—Nossa Senhora! Nossa Senhora!—respondeu.

« Silvio, julgando a doente em delirio, convidou-a a recitar em ambos a *Avé Maria*, depois do que sentiu dar á doente uma grande respiração e exclamar:—Silvio, estou curada! estou bem! e sentando-se no leito e repetindo estar curada, pediu alimento e comeu como em saude.

« Pouco depois levantando-se, correu a beijar a imagem de Maria Santissima que lhe estava defronte.

« Estava curada! As forças haviam voltado instantaneamente e com esta a côr natural.

« A snr.^a Elvira attesta que no momento em que o primo se lhe acercára para rezar a *Avé Maria* parecia-lhe ir expirar e pareceu-lhe vér-se n'aquelle momento deante da Sancta Virgem, á qual do fundo d'alma pedira a levasse consigo para o Paraiso. Mas lhe parecerá responder-lhe a Virgem dever permanecer ainda n'este mundo, e dar-lhe a razão. Esta resposta a affligira, por não suspirar senão por ir para o céu: mas que a Virgem lhe lançára uma vista de dôce reprehensão por parecer não ser acceta com resignação a ordem de Deus.

« A isto, que ella não sabe se deva chamar sonho ou outra coisa, seguiu, a uma segunda *Avé Maria*, a instantanea cura, a recuperação das forças e da saude.

« Publicado o facto esta manhã, pelo prégador da novena da Immaculada ao povo, que atulhava a igreja da parochia, grande foi a commoção, todos abençoam Maria e sobre todos a resanada, que agora, emquanto escrevo, nove horas depois do facto, está sã, animada e sem vestigios da passada doença ».

O escriptor d'estas paginas, alli presente, visitou-a pouco depois, achando-a tão florida e vigorosa, que pareceria fabula, a não ser portento, haver ella estado em agonia algumas horas antes. D'ella ouviu então todos os pormenores até a secreta razão, porque lhe parecia haver dito a Virgem dever ella ficar ainda n'este mundo. E ficou, pois que agora mesmo, passados quatorze annos, vive e graças a Deus com boa saude.

Deixemos estar o sonho, ou o que quer que fosse, podendo qualquer pensar como queira: mas quem considere, em si mesmo, a repentina passagem do estado em que se achava a enferma á saude perfeita, não deixará de sorrir da explicação do facto por ludibrio da imaginação.

XIV

Dos milhares de prodigios, de que podemos facilmente dar relação, bastam, para o nosso intento, os cinco atraz referidos. Atendo-nos sómente ás leis da natureza, seguramente que d'elles se não pôde dar razão accetavel. Á primeira vista se lhes descobre a nota milagrosa.

Ora, a quaes argumentos criticos recorre Emilio Zola para lhes tirar o character sobrenatural? Veja-se se não são exactamente romanescos.

A natural virtude da agua brotando da Gruta?! Não o diz bastante claro. Bem comprehende elle mesmo que um repuxo, cuja agua fosse naturalmente efficaz para curar de repente todas as doenças, tuberculos, cancros, seria por isso mesmo milagrosa, pois que se apartaria inteiramente da constituição da agua da natureza. E depois, sabe-se ter sido aquella agua analysada pelos chimicos mais expertos da França, ficando declarada simples e pura, só com os elementos mineraes, bastantes para ser diferenciada da agua de chuva. O mesmo Zola o reconhece, chamando-a, no seu romance, « agua boa e pura », como aquella transparente dos planaltos dos Pyrenéos.

Além de que o milagre de Lourdes, ou de algures, opera-se mesmo fóra da agua, como o apontado de Rudder, o da joven Hloreau, o de Delannoy, que recuperaram instantaneamente a perna, a vista, o movimento, sem tocar em uma gota d'agua.

Demais, nem sempre, nem todas, nem do mesmo modo cura as doenças; portanto, a virtude sanativa não podia admittir-se na sua natural composição.

Zola mais expressamente indica um outro argumento, o clima de Lourdes, com seus influxos, com o mysterioso encanto de suas bellezas, o que vale tanto como o da agua.

O clima de Lourdes não data de 1858, quando os prodigios principiaram

com as aparições na Gruta. Como succedeu, pois, que em tantos seculos anteriores ninguem dêsse pelos salutiferos influxos?

A existirem, os habitantes da pequena cidade e dos contornos, ou nunca teriam adoecido, ou cahindo doentes, um grande numero, pelo menos, deveria ter sarado sê por effeito do clima. Sabe Zola que isto tenha acontecido e aconteça ainda?

Seria, em verdade, miraculoso um clima, por cuja virtude, quem andasse a gozar por um ou dois dias, em um momento podesse alisar uma chaga inveterada, ou readquirir os olhos perdidos, ou livrar-se dos estragos de um cancro, como qualquer se livra da impertinencia de uma mosca.

Ainda mais: ha curados pela invocação da Virgem, em longes terras, nas Indias, na China, e como participaram esses do influxo benefico d'aquelle clima e do encanto das suas bellezas?

Em verdade, o argumento é burlesco de mais, mesmo para um critico de romance.

XV

Não gostaes d'isto? insiste Zola; ah! tendes outro—o enthusiasmo da multidão, que inebria a phantasia e agita nervos e razão!

Este vale tanto como os outros. E primeiro, as grandes multidões são raras em Lourdes: apresentam-se maiores nas peregrinações. De ordinario, no curso do anno, ha ali a maior tranquillidade, e comtudo as curas admiraveis não são menos frequentes no tempo de quietação, do que durante os grandes concursos clamorosos ¹.

Se o enthusiasmo tivesse a força natural de produzir as curas realisadas em Lourdes, porque se não conduzirão aos theatros e aos circos os chagados, os ethicos, os estropiados, os cegos, os febricitantes, para delirarem com os applausos às cantoras, às cavalgantes e assistir aos recebimentos triumphaes e às ovações em honra dos charlatães politicos dos nossos dias?!

A therapeutica do enthusiasmo seria a mais facil e menos cara de todas. Ora, porque razão ha effeitos portentosos só em Lourdes e não n'outras partes?

Ouviu-se já alguma vez, que por virtude de enthusiasmos theatraes, ou plateaes, os cegos vissem repentinamente e os coxos andassem direitos? Dirá talvez o romancista serem os enthusiasmos de Lourdes de qualidade naturalmente diversa, do que os excitados nos espectaculos publicos? Mas ser-lhe-ha impossivel a prova, e quando a fizesse, deveria ainda provar a relação natural entre

os enthusiasmos de Lourdes e as curas das ulceras e dos tuberculos.

O dr. Boissarie, no decurso de poucos annos, nota trinta curas de tysicos, todas contrarias às leis physiologicas e verificadas por cem medicos, e descreve-as uma a uma ¹. Cré Zola a serio, que um só d'estes trinta casos fosse fructo de enthusiasmo dos peregrinos, ou como elle diz «do delirio desregrado da fé?»

Tanto mais, que o maior numero de prodigios têm acontecido e acontecem no silencio das piscinas, na solidão das grutas, quando nem uma só voz perturba o dóce cecear da folhagem, ou o placido murmurio do Gave.

Porventura Pedro Rudder, ou a senhora de Pratovecchio, obtiveram a instantanea cura em meio de enthusiasmos?

Um judeu, para acreditar o romance de Zola, imprimia, ha pouco, que «elle nos dá a razão humana do milagre» ². Razão humana! Mas de qual humanidade? da pensante, ou da vagindo no berço, ou pendente dos peitos da ama?

XVI

E depois Emilio Zola, como não descobriu os antipodas, tambem não foi o inventor da critica do milagre de Lourdes, da qual faz tanto alarde no seu romance. Elle apenas poz no papel e na bocca dos seus personagens, o que têm dito e repetido os incredulos mais vulgares e os mais grosseiros materialistas.

O eximio director e presidente do posto medico de Lourdes, visitando mezes atraz, um hospital de Paris, ouviu desfilarem da bocca de um dos doutores da casa, todas as objecções, depois apparecidas nas folhas de Zola. Eis o dialogo por copia:

—Vós em Lourdes, não curaes senão certas perturbações nervosas, que se desvanecem sob o influxo das suggestões, reunidas em torno da Gruta. A agua fria das piscinas sacode, com os arrepios, todo o organismo.

—Mas ha doentes, curados sem entrar nas piscinas.

—A multidão, com a ebriedade dos seus enthusiasmos produz o mesmo effeito.

—Mas ha doentes, que fogem da chusma e saram no recolhimento da solidão.

—A scena encantadora do sitio e da gruta faz n'elles as vezes da suggestão.

—Mas ha doentes sarados sem ir a Lourdes.

—Devem-n'o á fé de deverem sarar.

¹ Hist. med., pag. 330 e seg.

² La Tribuna, de Roma, 15 de junho de 1894.

—Mas ha creanças, incapazes d'esta fé e comtudo obtem-se-lhe a cura.

—Vós não védes senão curar casos de nevrosidade.

—Mas então, porque nos offerecem os medicos, mais auctorizados, todos os dias, outros casos numerosos e verificados, de tumores, de chagas, de doenças organicas, que se curam em Lourdes? ¹

N'outra parte accrescenta o dr. Boissarie:

«Em Lourdes nós vemos sararem chagas e ao inverso as desordens nervosas mais superficiaes resistirem: e as pessoas nevroticas vindas a Lourdes para se curarem enganar-se-iam redondamente» ².

Tem-se dito que, no anno passado (1893), nas primeiras semanas das grandes peregrinações, foram registados no posto medico setenta processos verbaes de curas. Ora, sobre os setenta casos, não mais de seis foram de doenças de nervos; dezeseis de tysica; dois de cancro; onze de cárie e tumores brancos; sete de atrophia muscular e outros assim ³.

Por onde se mostra com quão fragil arma a critica dá o seu ultimo desesperado assalto á verdade de Lourdes. E esta é a arma que Emilio Zola empunha e maneja de continuo no seu romance.

XVII

E que coisa é esta fé de dever sarar, ou seja «auto-suggestão», que elle apresenta como operadora do milagre?

Não pôde ser senão a intima persuasão de que alguém, por impeto e esforço da phantasia, se deixa induzir a crêr na sua cura. É, portanto, uma tal fé ou ficção, meramente phantastica, que poderá produzir bons resultados nos males proveinentes da imaginação; mas não nas doenças reaes, que têm a sua séde e raiz no organismo, alterado ou lesado. E quando poderá ella ter vigor, mesmo concebida vivamente, para curar uma febre ou soldar uma ulcera cancerosa? A fé, que em Lourdes opéra tão estupendos prodigios incontestaveis e evidentes, não é a phantastica dos suggestionistas; é a verdadeira sobrenatural em Deus e na intercessão da Virgem, junto de Deus Omnipotente; é a fé de Pedro Rudder, a fé de Maria Luiza Horeau, que em um momento solda ao primeiro uma perna despedaçada havia oito annos, refaz e renova á outra os olhos queimados, havia dois annos. Atribuir estes portentos a effeito de fé imaginaria, é prova, não de

¹ Annaes, 29 de fevereiro de 1894, pag. 305.

² Ib., 31 de maio de 1894, pag. 37.

³ Ib., 30 de abril, pag. 10.

¹ Annaes, 31 de março de 1894, pag. 30.

razão arrazoante, mas de razão delirante.

O mesmo se deve dizer da suggestão, em geral, e da hypnose. Pouhamos de parte esta, que, segundo a significação da palavra, suppõe o somno; pois que, hypnotisar, quer dizer adormecer.

Ora, em Lourdes, e fóra, os que conseguem as curas milagrosas, não dormem, velam muito bem, velam na gruta, nas egrejas, nas fontes, nas piscinas; velam, orando e supplicando muitas vezes por horas e horas. A hypnose, portanto, isto é, o somno, entra tanto no milagre de Lourdes, quanto o bom senso natural no romance de Emilio Zola.

Por muita efficacia que se queira conceder á suggestão, está fóra de duvida a conclusão de Bernheim, seu grande factor — a de que, se pôde fazer bem ás doenças «funcionaes» dos órgãos, nada faz, nada pôde para restabelecer nem obstar ao seu perecimento e menos ainda á sua destruição: nada contra os tuberculos, as luxações, os tumores corrosivos dos tecidos.

Logo, que valor tem a suggestão para explicar, naturalmente, as tantas curas de Lourdes, a reconstituição repentina de órgãos pericidos ou insanavelmente arruinados? Poderia nunca a suggestão restituir o movimento a Delannoy e a vista a Horeau?

XVIII

O mesmo dr. Charcot, patriarcha da escola hypnotica, como homem de engenho e de experiencia, foi obrigado a reconhecer a insufficiencia da suggestão, para explicar scientificamente muitos casos verificados em Lourdes. E o que oppoz? Que tambem nos hospitaes se curavam as doenças saradas em Lourdes. Mas deu-se-lhe uma resposta triumphante, que ao dr. Boissarie foi confirmada pelo mesmo Emilio Zola.

Leia-se e pondere-se bem:

«Tanto é sobrenatural a cura instantanea de uma esfoladura, como a de uma chaga profunda. A natureza não restaura senão gradualmente as suas ruinas». São as expressas palavras de Zola ¹.

A Charcot foi portanto replicado: — Dado e não concedido que nos vossos hospitaes se curam todas as doenças, curadas em Lourdes, fica sempre de pé a differença de proceder pouco a pouco, e lentamente a cura dos hospitaes, e, obtida esta, exigir longas convalescencias de semanas e de mezes. Não assim em Lourdes. Temos continuos casos de cura fulminea. N'um atomo desfazem-se as

chagas, renovam-se-lhes pulmões, nervos e musculos consumidos. Como pôde isto acontecer naturalmente?

E Charcot, posto entre a espada e o muro, o que respondeu? — «É verdade: a nossa sciencia não pôde dar a razão d'isso. A causa de taes effeitos é ainda «inintelligivel». Mas com o progresso dos estudos, ha de descobrir-se. A sciencia ainda não disse a sua ultima palavra».

Por consequente, o mestre mais magnificado da sciencia, negadora do milagre, é levado ao ponto de adduzir «o unintelligivel» por causa scientifica de um effeito, que pretende natural. Que dizer então de uma sciencia que tem por apoditica e por sua sação final a ignorancia?

E chegará ella a sabir d'esta ignorancia? Poderá ella dizer a ultima palavra demonstrativa de ser scientificamente natural o sobrenatural? Não é possivel. Emilio Zola refutou victoriosamente o Charcot e com este a si mesmo e a critica do seu proprio romance, quando asseverou serem sobrenaturaes, por isso mesmo que subitaneas, as curas de doenças, alterantes dos órgãos e dos tecidos.

Assim, no reino vegetal, como no animal, é lei fixa e constante da natureza operar gradualmente, tanto na formação primitiva e no desenvolvimento dos organismos, como na sua restauração, quando curaveis. D'onde vem ser superior e contraria ás leis da natureza, toda a cura instantanea de uma doença que afflige e lesa um órgão, pelo só facto da instantaneidade. Nem nunca acontecerá chegar a sciencia a descobrir uma causa natural, que ultrapasse ou contrarie esta ordem; já que por isso mesmo esta causa seria sobrenatural. Por onde a esperanza de se poder descobrir uma causa, que torne falsas as causas conhecidas e certas, não é esperanza do ignoto, é esperanza do absurdo.

Entretanto, por hypothese, concedeu-se de mais, concedendo que nos hospitaes se façam todas as curas de Lourdes. Quando é, que ali se obteve a cura de um cancro, sempre incuravel por sua malignidade? Quando a restituição do órgão visual, já desfeito? Mas em Lourdes a Piquet foi curada do cancro; a Horeau readquiriu a vista.

Não é pois sómente a instantaneidade, é tambem a qualidade e a condição das doenças curadas a provarem a intervenção de uma força superior á natureza.

Mas ha mais: a therapeutica, com que estas curas são obtidas. Em Lourdes ha só dois meios curativos — a agua e a oração. Ora, onde está a relação, naturalmente medicinal entre um banho, uma lavagem, um copo de agua fresca e o repentino desaparecimento de uma fistula ou de um tumor? Onde essa relação entre a reza de uma *Avé Maria* e a im-

mediata soldadura de um osso quebrado? Ou entre um acto externo de adoração e a recuperação da vista?

Assim, quanto mais a critica exista a perscrutar as curas de Lourdes, em si e nas circumstancias, tanto mais faz n'essas resaltar a miraculosidade, ou seja a derogação das leis estaveis da natureza aos olhos de quem não queira renegar o lume da intelligencia. E n'este conceito Emilio Zola, contra toda a sua intenção pôde ser dito um benemerito illustrador. O seu abortivo romance, para quem pensa e discorre, em vez de fazer perder a fé no milagre de Lourdes a quem a tem, fará havel-a a quem a não tem.

XIX

D'onde pois tanta incredulidade contra tanta evidencia? perguntará talvez alguém. Não, de não poder, mas de não querer crêr, por se ter medo de crêr.

O milagre é acto sómente de Deus, Auctor, omnipotente e Senhor de tudo creado. Toda a obra que traga o sello do milagre manifesta-se por abertamente divina. E como um unico milagre basta para authenticar a Igreja como divina, assim basta mostrar divinas as aparições da Virgem da Gruta de Massabielle. Mas se a Igreja é divina, divina é a sua fé; se as aparições de Lourdes são divinas, divinos são os ensinamentos, alli dados. A divina fé da Igreja não se separa da lei divina, que essa prescreve, nem das divinas sancções do premio e do castigo, de que está munida; do mesmo modo que as divinas aparições da Virgem em Lourdes não são separaveis dos dogmas, que Ella ali confirmou, nem da penitencia, á qual convidou os prevaricadores da lei, os negadores da divina fé da Igreja.

Ora toda esta luz de divindade aterra os nossos modernos incredulos. Crêr, viver e arrepender-se, como christão catholico, sob pena do inferno na vida futura, repugna aos seus «ideaes», mais agradaveis do mundo presente. E-lhes mais commodo descrêr. Fecham, portanto, os olhos á luz para poderem dizer que a não viram. *Notunt intelligere*: recusam entender para poder dizer que á fé no sobrenatural, em Deus, em Christo, na Virgem, preferem a sciencia do «inintelligivel» natural!

São dos miseros, dos quaes diz o Evangelho, que nem aos mortos crêram, se resuscitassem, por não quererem crêr senão o que agrada ao seu capricho e melhor acaricia as suas paixões. Antepõem o absurdo da sua sciencia á verdade divina da Fé, porque no absurdo podem esconder a verdade das suas ignominias.

Tambem para elles a candida Virgem dos Pyrenéos, seria bellissima e admiravel, se não fosse pura e sublime de

¹ *Il y a autant de surnaturel dans la guérison instantanée d'une égratignure, que dans celle d'une plaie profonde.*

La nature ne répare, que progressivement ses breches. (Ann., 3 d'avril de 1892, pag. 18).

mais! Louvam-n'a, por isso, poeticamente amavel no céo; mas escarnecem-n'a, praticamente benefica na terra!

Esta é, em nosso parecer, a razão de tanta incredulidade contra tanta evidencia do milagre de Lourdes: n'isto está toda a philosophia moral da critica de Emilio Zola no seu torpe romance.

SECÇÃO RELIGIOSA

Congressos!

PARA dar novo impulso ao movimento congressista catholico, temos agora o congresso franciscano. Os franciscanos são pobres das coisas do mundo, mas são ricos das coisas do céo, e assim o seu congresso será moralmente riquissimo, sem que por isto queiramos dizer: que em tal congresso faltarão outras condições, como as que significam coisas boas, bem feitas, com seu valor essencial e accidental. A divisa dos franciscanos é: *Tantum nihil habentes, et omnia possidentes!* Pois disse Renan: «que as artes muito devem aos franciscanos», o que prova: que a pobreza sancta tem a immensa riqueza da divina Providencia! A S. Francisco (agora referimo-nos ao Seraphico de Assis) foi sempre devedora em muito a sociedade desde o proprio Santo até estes dias no venerando pessoal do respectivo instituto. A fome do ouro (que hoje é canina) oppoz sempre o espirito e proceder franciscanos, a fome da pobreza e da penitencia; que contraste! A *fames auri*, a vida temporal regalada, subiu hoje a um tal appetite, que tem horror á mortificação e a ponto de parecer impossivel aos regalões que haja quem ame e faça penitencia, sendo aliás certo que para se estar com Deus é indispensavel a innocencia ou a penitencia, e perdida aquella é por esta que a primeira é rehavida. Bem vindo, pois, o congresso franciscano!

É ancioso estamos nós por tambem dar as boas vindas ao congresso eucharistico em Guimarães, que esperamos não tardará tanto, que possa lembrar a alguém, que esteja adiado para as Kalendaras gregas.

Meus amigos vimaranenses, (que não dizemos de Peniche), e notemos já que Peniche é terra de mui boa gente e da mais austera pureza, embora hoje não esteja escapa ás consequências de varias especies de pestíferas invasões; meus amigos vimaranenses! vamos á nossa obra eucharistica, que abençoada será do céo, pois é serviço ao reinado de Jesus Christo Senhor e Rei Nosso! É moralmente certo, que a cidade de Guima-

rães, por occasião do congresso eucharistico, será christãmente invadida por tanta gente como nunca. O poder da multiplicação é consistente com Deus e manifestou-se no milagre dos cinco pães e dois peixes, porém nós não estamos auctorizados a tentar a Deus; assim é mister que o corpo commercial de Guimarães se proveja de modo que por aquella grande occasião nada falte ao grande concurso, que com o seu dinheiro buscará satisfazer as suas justas necessidades, no que não irá mal, em sentido algum, ao commercio alludido.

Quanto a casas, Guimarães tem hospedarias, ou hotéis, segundo a designação da moda; tem milhares de casas, que se facilitarão ao agasalho; e tem larga praça onde se pôde levantar barracas, e a praça ficará conhecida por acampamento do exercito eucharistico. Nada faltará pois, porque piamente crêmos que estará o *Digitus Dei!* Repetimos: damos graças ao céo por considerar a nobre cidade de Guimarães comprometida ao menos por nossas humildes e conscienciosas denuncias, a realisar o congresso eucharistico! A sagrada Eucharistia é o sacramento do amor e da união por excellencia; amor e união em Deus são os elementos pelos quaes a sociedade pôde ser restaurada, para o que todos devemos contribuir.

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Diabo e as suas obras

(Continuado do n.º antecedente)

XI

Pois bem; se estas almas, por si mesmas, não podem receber noticia alguma dos homens, se não podem fazer nada nem com as forças materiaes nem sobre as forças materiaes, é evidente faltarem-lhes as condições mais indispensaveis para que possam ser consideradas como causa productora dos phenomenos do spiritismo.

Dir-se-ha porventura que as historias andam cheias de aparições de almas, especialmente das dos sanctos, que fruem a visão beatifica, e ainda das que no Purgatorio satisfazem á Justiça divina. Indubitavelmente; nada porém isto significa em favor do spiritismo moderno, porque não tem relação nem analogia com taes aparições as suppostas evocações dos defunctos, a que os spiritistas se referem. Só por ordem divina e por verdadeiro milagre podem apparecer aos homens as almas dos de-

functos, segundo ensina a sagrada Theologia¹ e claramente se deduz dos exarados principios; e blasphemia seria affirmar que Deus opera milagres para satisfazer a curiosidade e fomentar vis paixões de homens irreligiosos e perversos do nosso seculo, tomem muito embora o nome de mesmeristas, hypnotistas, somnambulos ou spiritistas. Quando Deus, em seus ineffaveis designios, ordena a aparição de uma alma do Purgatorio, ou dispõe que sejam favorecidos certos homens com a aparição de algum sancto do céo, impendem taes aparições a um fim sobrenatural, ordenado para gloria de Deus ou de seus sanctos, para salvação das almas ou utilidade espiritual d'aquelles a quem apparecem. Quando ao contrario, pela mera evocação dos *mediums*, apparecem ou respondem essas que se dizem almas dos defunctos, não são mais que os mesmos spiritistas infernaes, que revestem a especie das almas evocadas, para diffundir e arraigar o erro dos modernos incredulos, como já nos antigos tempos astutamente simulavam os demonios serem almas de defunctos, segundo nos ensinam Sancto Agostinho e S. João Chrysostomo, para confirmarem d'ess'arte os erros dos gentios, nimiamente credulos n'essas aparições de mortos².

Assim explica Sancto Thomaz, apoiado na auctoridade d'estes sanctos Padres, um caso de magia occorrido no tempo dos Apostolos, identico aos prestigios spiriticos de nossos dias. Tambem Simão Mago dizia ter ás suas ordens a alma de um menino, a quem dera a morte, por cujo intermedio operava coisas portentosas. «Era, diz o Doutor Angelico, o demónio transfigurado na alma d'esse menino»³.

E accetando, por um momento, a hypothese absurda dos spiritistas, de que por virtude propria podessem as almas do céo e do Purgatorio apparecer, quando são evocadas, e responder quando são perguntadas pelos spiritistas, bastará uma só palavra para demonstrar que nem ellas nem os Anjos bons podem ser os auctores de semelhantes prestigios. Com effeito: como suppôr que obedecem ás ordens dos *mediums*, como a seus amos e senhores, tanto aquelles nobilissimos espiritos, verdadeiros ministros do Altissimo, sempre promptos a cumprir a missão e cargo que lhes confia o rei da Gloria⁴, como os sanctos que disfructam da visão beatifica e louvam com os Anjos ao seu Deus e Senhor, ou ainda as mesmas almas bemditas, que,

¹ S. Thom., I, q. LXXXIX, art. VIII, ad 2 in IV; Sent., c. XLV, q. I, art. I, q. III.

² S. Aug., lib. X, de *Civ. Dei*, c. XI. S. Chrysost., nom. XXIX, super Math.

³ S. Thom., I, q. CXVII, c. IV, ad 2.

⁴ Psalm., c. II, 20-21; Dan., VIII, 10; Heb., I, 14.

embora satisfazendo á Justiça divina o resto de suas culpas, são, não obstante, verdadeiramente sanctas e incendidas em ardentissima caridade? Será crível, que, já fóra da determinação divina, já por vontade e eleição propria, seria decoroso e digno de Deus e seus sanctos, que se convertessem em juguete e ludibrio d'estes homens indignos, que exploram as coisas do outro mundo para satisfação da sua cubiça, sua vaidade e orgulho, e para entender e propagar o erro e o vicio? Que ideia formarão dos sanctos e das almas bemaventuradas, se alguma têm esses infelizes spiritistas!...

Véde como, passo e passo, vimos a parar na conclusão definitiva, isto é, que não é nem pôde ser outra que os espiritos malignos a verdadeira causa dos phenomenos mesmericos, hypnoticos e spiriticos — solução catholica e verdadeiramente philosophica, contra a qual não se pôde apresentar difficuldade alguma que seja digna de um philosopho. Meditai seriamente e vereis pelo que levamos dicto, no decurso d'esta nossa instrução, e em particular nos capitulos II e IV, que, assentada e estabelecida a these catholica, tudo se apresenta natural e obvio, e mui ajustado aos principios da sã philosophia e sagrada Theologia, na explicação dos sobreditos phenomenos, assim como o serem os espiritos infernaes dotados da potencialidade necessaria para produzil-os, e, por outro lado, ser mui proprio d'elles tão feia occupação, e mui justo castigo de Deus contra a impiedade de nossos tempos.

Rememorai todos os phenomenos mechanicos, physicos, physiologicos e ainda os psychologicos, de claro-videncia, adivinhação e suggestão malefica; attendei a seus processos, de todo inexplicaveis, como temos declarado, pelas leis physicas e potencialidade humana; e a tudo dareis facil e natural explicação recorrendo á acção diabolica. Levantam-se as mesas e os veladores e ficam-se collados á abobada... movem-se e dão saltos as cadeiras: mas ninguem se admira, porque a acção potentissima que os espiritos malignos têm sobre os corpos, incalculavelmente maior que a que

têm os homens, pôde levantar pesos enormes e fazer que dancem todas as cadeiras e mesas do salão em que se verifica o espectáculo.

Porém, os signaes que apparecem no ar, e as luzes phosphorescentes, e as musicas e vozes e detonações que se ouvem, e as sensações de calor e frio que se percebem, e os corpos que andam e são



MARAT

tangíveis, e manoseiam e perguntam e respondem?... Tudo isso é mui natural nos anjos máus e perfeitamente accomodado á sua potencialidade.

(Continúa).

DR. D. SALVADOR CASASAS Y PAGÉS.

SECÇÃO CRITICA

Lasserre a Zola

Não podemos resistir á tentação de publicar alguns trechos d'uma carta, que o auctor de *Nossa Senhora de Lourdes* dirigiu ao infeliz au-

ctor de *Lourdes*. Lasserre — o sincero — esmaga Zola — o hypocrita. Eis esses trechos, que o magnifico jornal francez — *La Croix* — publicou em seu numero de 20 de setembro:

« Achava-me eu em Lourdes ha dois annos — diz o snr. Lasserre — na occasião em que v. exc.^a realisou a sua viagem á cidade dos milagres. Por intermedio d'um amigo meu, perguntou-me v. exc.^a se podia bater á minha porta sem receio de ser mal recebido.

Confesso que nunca lêra obra alguma de v. exc.^a Apresentava-se v. exc.^a como um incredulo que procura, com lealdade não mentida, a verdade. Eu, por conseguinte, não tinha razão alguma para o não receber.

Veio v. exc.^a visitar-me em diferentes occasiões ao hotel em que me achava hospedado.

Falei a v. exc.^a das maravilhas sem numero de que todos os annos sou testemunha, por minha felicidade. Tratei de collocal-o n'esse angulo especial em que o homem, que até então viu sem nada vêr, lança sobre elle o que Ernesto Hello deu em chamar «o primeiro olhar» e d'improviso percebe a verdade.

Um christão jámais desespera da salvação de nenhum de seus semelhantes. Prescindindo mesmo da acção da graça divina, a evidencia com que apparece á nossa vista o sobrenatural é tão grande em Lourdes, que é mister uma de duas coisas: ou crêr n'elle ou renunciar a toda a razão.

Um dia julguei conveniente levar v. exc.^a a visitar o sitio memoravel que em meu entender é, depois da grãta, o mais commovedor que ha em toda Lourdes: refiro-me ao miseravel tugurio onde habitava Bernardette quando a Rainha do Céu a escolheu por mensageira e lhe deu a incumbencia de chamar toda a terra ás Rochas de Massabielle.

Aquella basilica, aquellas egrejas, aquellos marmoreos edificios, aquella cidade erguida no desterro, aquella ouro cosmopolita, aquellas milhares de curas extraordinarias, aquellas innume-

raveis almas votadas á fé e á alegria, aquella constante cruzada de mil regiões do globo — tudo estava virtualmente contido no simples facto de que uma delicada joven, ignorante e illustrada, saiu um dia da sua pauperrima choça a recolher nas margens do Gave o feixe de lenha de que tinha necessidade para fazer os pobres manjares de que se alimentava. . . Por experiencia sabia eu a impressão que causa semelhante contraste. Só contando com a Omnipotencia de Deus se pôde chegar a concordar este nada dos meios com o infinito dos resultados.

Esta mesma impressão a experimentou v. exc.^a, snr. Zola. O adorador da carne e da falsa vida entreviu alguma coisa dos esplendores do espirito: acaso pela vez primeira assistiu a uma vaga visão da verdadeira vida.

Permaneceu v. exc.^a por alguns momentos sem responder ás minhas palavras. Em seu rosto transpareceu bem clara a revolução que se operava no seu espirito. Aos olhos de v. exc.^a, duros e seccos por costume, assomaram duas lagrimas. . . Lagrimas que vibraram um instante sem se desprenderem; e então exclamou v. exc.^a:

— Isto é portentoso! Grandes são as emoções que em Lourdes tenho experimentado, mas nenhuma como esta! É este o ponto de partida de todas as maravilhas?! Eis aqui Bethlem! Este é o humilde estabulo! É esta a sua origem! Isto é portentoso!

— Milagroso! dirá v. exc.^a, snr. Zola.

Recobrando alento, repetiu v. exc.^a:

— É portentoso! é portentoso!

— Creia v. exc.^a, snr. Zola, que podera ter succedido outra coisa mais portentosa.

— Que outra coisa? me perguntou v. exc.^a abrindo desmesuradamente os olhos um tanto espantados, dos quaes tinham desaparecido as duas lagrimas.

— Seria mais portentoso, snr. Zola, que tal resultado fosse produzido por aquella joven, valendo-se d'uma mentira ou estando sujeita a um accesso d'enfermidade mental, a uma allucinação.

— Nunca direi isso! — me replicou v. exc.^a, entre perplexo e sobresaltado. Bernardette nunca foi uma embusteira nem uma allucinada: não foi mais que o instrumento d'essa grande *Au-delà* que domina a existencia humana. Todavia, d'isto aos dogmas concretos em que os senhores crêem, ha alguma distancia.

Abriu-se a porta, entrou um sacerdote e mudamos de conversa. . . Porém eu tinha surpreendido o homem da materia vagando extraviado pelos campos do espirito, o chefe do realismo temeroso e indeciso ante a própria realidade.

Não sou dos que crêem poder obri-gar pela força as almas. Sem o forçar a isso, antes muito por sua iniciativa, poucos momentos depois v. exc.^a me manifestava este pensamento:

— Sem me ter convertido em crente, estou vendo em Lourdes o que nem por sonhos houvera imaginado: uma terra de consolação, d'esperança e ainda de cura para uma infinidade de desgraçados em quem se ceavam toda a especie de dôres e as mais cruéis enfermidades. É este um ponto culminante, um verdadeiro oasis no meio do mundo.

Depois v. exc.^a continuou com as seguintes textuaes phrases:

— Attentar contra isto, de qualquer modo que fosse, seria um crime de lesa humanidade; e pela minha parte vos prometto, snr. Lasserre, que nenhuma das minhas palavras alligirá os amigos de Lourdes, e poderia accrescentar que na minha obra encontrareis mil coisas que sem duvida vos agradarão.

Estas phrases, que ninguem vos obrigou a pronunciar, pareceram-me sinceras, e continuo a crê-las taes, ainda depois de v. exc.^a ter commettido o que mui justamente chama um crime.

Se a prevaricação da vossa penna é inexcusavel, pelo menos não é inexplicavel.

Achava v. exc.^a grande difficuldade em ser (são suas estas palavras) «um historiador independente».

.....
Reconhecer como sobrenaturaes e divinos os acontecimentos de Lourdes, teria equivalido a confessar a existencia d'um Deus, d'uma moral, d'uma religião; teria sido o mesmo que proclamar como verdadeiro e augusto o que os escriptos de v. exc.^a não têm cessado de combater, de blasphemar, de pretender arrancar do coração humano.

Teria sido o mesmo que pôr em relevo, illuminadas com o resplendor d'essa luz, a vossa demencia e a ignominia do vosso largo trabalho de corrupção; teria sido, n'uma palavra, renegar todo o vosso passado, queimando em publico o que tanto tempo foi objecto das vossas adorações, adorando o que haveis queimado. Teria sido, empreguemos a phrase habitual, «converter-vos».

Outros, antes de v. exc.^a, o fizeram; não vejo inconveniente em que v. exc.^a o fizesse.

Porém a vossa conversão implicava a necessidade de variar, sem perda de tempo, o curso d'esse rio corrompido e venenoso, que, ha vinte annos, as tristes obras da vossa idade madura não têm deixado de fazer correr sobre o nosso sólo, deshonorando-nos. E o caso é que esse rio de lodo arrasta sem cessar, em sua vertiginosa corrente, areias d'ouro.

Cortar d'um golpe o seu curso, era a ruina immediata, equivalia á perda de 80 ou 100 mil libras de renda.

Isto, senhor, podia v. exc.^a tambem tel-o feito. Se v. exc.^a o tivesse levado a effeito, a sua fama, que outra coisa não é hoje senão uma vergonha, que em toda a parte resoa, se trocaria em gloria immarcessivel.

Em resumo, collocado na alternativa de consummar toda a especie de sacrificios ou de sustentar e augmentar todos os beneficios, estava v. exc.^a nas condições de ser um historiador independente e um juiz imparcial? »

Voltarão os frades?

Tudo contra! Origem dos bens monasticos.

Muitas são as accusações, que se fazem aos frades, a respeito da maneira, como elles adquiriram os seus bens, rusticos e urbanos, e até as proprias alfaias do culto e do seu uso.

Longa seria a narrativa, que o assumpto indicaria como indispensavel, para provarmos a legalidade da posse d'esses bens. Teriamos de fazer uma longa dissertação historica e de entrar, talvez, n'uma questão juridica. Para isso não estamos habilitados, nem para tanto será a paciencia dos leitores.

Consultem a historia e nós cumprimos o nosso fim, por um meio simples e compendioso.

*

— Qual foi a origem dos bens dos frades? Como foram adquiridos? Com que direito os possuíam? Porque leis?

« Por ladroeciras! Por suggestões! Por testamentos falsos ou tendo sido os testamenteiros coagidos a fazel-os! Por meio de contractos illicitos, ou fraudulentos! Por ameaças, por todos os meios, filhos de uma perversidade inaudita! »

É assim, pouco mais ou menos ou com poucas variantes, que bradam os ultra-liberaes, cheios sempre de escrupulos e promptos a derramarem o seu sangue pelo amor ao direito da propriedade. Nós, porém, responderemos, que os frades possuíam os seus bens, com o mesmo direito, com que os possuem todo e qualquer cidadão, que vive n'um paiz livre e onde haja respeito pela propriedade alheia. E tanto assim é, que nos paizes mais civilizados, nos paizes verdadeiramente livres ou onde a liberdade não é uma ficção, mas uma realidade permanente, existem conventos de ambos os sexos e de todas as ordens, e ninguem ousa dizer, que os

bens de taes corporações tiveram por origem sómente os roubos e extorsões.

*

Entremos, pois, no amago da materia.

Alguns d'esses bens foram comprados. E, n'este caso, tinham os frades (e as freiras) o mesmo direito de usufruir os seus respectivos rendimentos, como todo o individuo, que adquire bens por meio de compras. Em caso identico estariam os bens herdados e os que eram adquiridos por doações.

Estas eram diversas.

*

Os nossos monarchas fizeram muitas doações a mosteiros. Algumas foram importantes.

Alguem dirá, que taes doações foram, indirectamente, um roubo feito á nação, porque os bens doados não eram dos monarchas, mas da mesma nação e, portanto, só o povo d'esta poderia dispôr d'elles.

Apparentemente assim se poderá argumentar. É mister, porém, attender aos motivos d'essas doações.

*

Quando os nossos monarchas faziam, a certos conventos, algumas doações, não era sem fundamento, nem tanto sem direito, como alguem pensa ou finge pensar.

Só quem não tem lido a nossa historia, ou quem ignora os mais rudimentares principios de direito natural, poderá considerar e dar o nome de roubo a um contracto puramente licito. Algumas das ordens religiosas prestaram serviços moraes e bellicos a não poucos dos nossos monarchas, especialmente nos principios da nossa nacionalidade. E os monarchas pagavam-lhes taes serviços, fazendo-lhes doações de alguns tractos de terreno.

E como eram esses tractos de terreno, ainda que muito grandes?

Consulte-se a historia da fundação de alguns mosteiros, consultem-se as chronicas, consultem-se os documentos e, sobretudo, os escriptores imparciaes, e vêr-se-ha, que muitos d'esses terrenos (se não todos) eram completamente incultos, eram improductivos, não tinham valor.

Os frades os cultivaram e arrotearam, tornando assim fertéis esses terrenos, que, por tantos seculos, foram improductivos.

E, d'esta maneira, sem os doadores o pensarem e sem os frades aspirarem a elogios, muitos conventos tornaram-se

umas verdadeiras escolas agricolas, sem pretensões a premios e sem despezas para o Estado.

(Continúa).

UM CATHOLICO.

SECÇÃO LITTERARIA

Duas visitas ¹

PRIMEIRA

— Batem... abre sem demora.
 — Já abri. Meu Deus! ai que horror!
 — Quem é? — A Morte, Senhor.
 — Ai... dize-lhe que estou fóra.
 — De entrar tem ordem expressa.
 — Despacha-a. — Em vão o intento!
 — Que espere então um momento.
 — Diz ella que está com pressa.
 — Que entre... Uns geitos cá dos meus Talvez a ganhem... — Ah! sim?!
 Vou chamal-a. — «Eis-me; aqui vim, E venho em nome de Deus».
 — E podeis dizer, Senhora, A que vindes de repente?
 «Venho intimar-te sómente Que de partires é hora».
 — Partir!... e em breves instantes!...
 Estando tão mal disposto!...
 «Foi desleixo do teu gosto Não te preparares antes.
 — Mas perdão... «Obedecer! Vem, que impaciente estou».
 — Mas... dizei-me: p'r'onde vou?
 «Infeliz! vai-o saber!...»

SEGUNDA

— Bate á porta uma Senhora Que diz trazer boa sorte.
 — Será a nossa amiga morte?
 Que entre, que entre sem demora.
 «Bem sei, amigo, que tardo; Perdôa tanto esperar».
 — Afeito a vos meditar Ha muito que vos aguardo.
 «Demoram-me outros». — Pois quem?
 «Os que acho sem prevenção».
 — E são muitos? «Muitos são, Pois mui poucos vivem bem».
 — E a mim que tal me encontraes?
 «No modo que mais me apraz».
 — Ai, Morte, que frio faz, Desde que vós aqui estaes!
 «É que está p'ra dar a hora Lá no relógio divino De ires ao final destino...»
 — Pois vamos com Deus, e é agora?
 «N'um instante vai já ser; Estás disposto?» — Eu estou.
 Mas dizei-me: P'r'onde vou?
 «Parabens! Vai-o saber».

¹ Versão do illustre poeta C. S. (Do Novo Mensageiro do Coração de Jesus).

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A juventude — Sorrisos d'um velho (A verdade a rir — O erro chorando). É seu auctor o rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. Bellas aquellas 457 paginas, todas sorrisos e conselhos á juventude, dados por um ancião respeitavel pelas suas virtudes e pelo profundo conhecimento, que tem, dos corações juvenis, a cuja direcção consagrou o melhor da sua vida e dos seus trabalhos. Consinta o sabio auctor dos Sorrisos d'um velho, que façamos nossa a segunda parte do terceiro periodo da *advertencia ao leitor*, «modula bellamente o brando e meigo nasal dos meloliosos trovadores, que descantam nas formosas margens do Mondego». O rev.^{mo} dr. Cosgaya, sem esquecer a bella lingua de Cervantes, manja perfeitamente a lingua de Camões, razão esta, por que os seus Sorrisos tão attrahentes, e os seus conselhos tão salutaes estão correctamente expressos em uma linguagem, que prende e encanta. Isto quanto á fórma. Quanto á materia, ouçamos a opinião auctorisadissima de Monsenhor Silveira Borges: «Os Sorrisos d'um velho farão rir mais que uma vez, quero bem crê-lo, a quem se entreagar á sua leitura; mas esse riso não será em vão, que os Sorrisos d'um velho não são futilidades de phantastico e imaginoso romancista: são, muito ao contrario, com o seu poemeto — Os Typos, — tão formoso em sua naturalidade quanto variado em seu objecto; são, muito ao contrario, scenas reaes da vida, conselhos os mais prudentes, advertencias as mais sabias, precauções atiladissimas, avisos os mais salutaes. A longa experiencia dos homens e das coisas, a frequencia da sociedade em seus diferentes meios, e, sobretudo, a sua antiga convivencia com a mocidade, á qual se consagrou, e por quem tem sacrificado seu repouso e seus haveres, dão pleno jus ao auctor dos Sorrisos de ser seguido pela juventude, que desejo merceer geral estima no mundo, e ferrar, affim, no porto do seu verdadeiro destino».

Eis o que são os Sorrisos d'um velho: consoladores, attrahentes, beneficos e salutaes. A todos, pois, e especialmente á juventude, recommendamos a aquisição de tão apreciavel livrinho, que custa apenas 400 reis.

Ao nosso respeitavel amigo, rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya, agradecemos, muito penhorados, a mimosa offerta dos seus Sorrisos.

*

O mez de outubro ou do Sacratissimo Rosario, por F. A. Carlos das Ne-

ves, presbytero e bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra.

A devoção do Rosario, tão recommendada por S. S. Leão XIII e já tão propagada por todo o orbe catholico, precisa de bons livros, que sirvam de norma para que a sua recitação seja fructuosa.

N'este numero está o livrinho que temos á vista, devido á penna do rev.^{mo} sr. dr. F. A. Carlos das Neves. É o mais completo no genero, que temos visto. Contém exemplos para cada um dos dias, meditações e exemplos para os dias 1 e 2 de novembro, conforme as determinações de Sua Santidade, e a encyclica *Jucunda semper*, do corrente anno.

O seu preço é de 300 reis em brochura e 400 reis encadernado.

Á venda na Livraria Gomes da Silva, editor, largo dos loyos, 53 e 54 — Porto.

N'esta mesma livraria estão á venda: O Anjo das Donzellas, offerecido ás Filhas de Maria, por Almeida Braga, preço 100 reis; e A Alma ao Coração de Jesus, colloquio traduzido por um padre da C. de J., preço 100 reis.

Recebemos o catalogo n.º 16 de livros antigos, alguns muito raros e curiosos, que se acha á venda na Livraria Camões, de Fernandes Possas, rua das Flores n.º 136 e 138 — Porto.

Tambem recebemos e agradecemos o n.º 276 da magnifica revista hespanhola *La Guirnalda y la Bordadora*, que se publica em Barcelona, sob a direcção de D. Jaime Brugarolas. Assigna-se em Barcellona, calle Archis, 3, pral.

Recebemos o fasciculo 11.º do Anno Christão, excellente obra do padre J. Croiset, que tanta acceitação tem tido do publico. Esta obra já está toda publicada, e por isso quem quizer agora adquirir-a a fasciculos, que custam 100 reis, póde receber por semana mais d'um e completar a obra no praso de tempo que lhe aprouver.

Para todas as pessoas é o Anno Christão um livro precioso, digno de lér-se; mas é-o principalmente para as pessoas devotas e para os sacerdotes, que, além d'encontrarem n'elle a vida de todos os santos, depararão com sabias meditações e reflexões para todos os dias, colligidas das melhores obras dos mestres espirituaes.

P. J. Franco, As Conspiradoras, conto. — Anno v, fasciculo x.

É mais um volumezinho publicado pela empreza das Leituras Catholicas de Nictheroy, cujo preço é apenas de 100 reis.

Quizeramos que todas as pessoas lessem estas publicações. O conto — *As Conspiradoras* — que recebemos e tivemos o prazer de lér, é d'uma naturalidade encantadora.

Lê-se e fica-se com vontade de seguir o exemplo d'aquellas *conspiradoras* do bem, que tinham um só fim em vista — a caridade.

Recommendamos a sua leitura.

Agradecemos os exemplares, que nos foram offerecidos.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Raphael, Archanjo

(Vid. pag. 241)

Refere-se no livro de Tobias, o homem caridoso, que só descansava quando podia soccorrer os pobres com a esmola e que muitas vezes pôz em risco a propria vida para dar sepultura aos cadaveres dos israelitas, o que era prohibido por ordem tyrannica de Sennacherib, que um dia, chegando a casa cansado de acarretar aos hombros os cadaveres insepultos, se deitou debaixo d'um beiral onde as andorinhas faziam os seus ninhos e casualmente cahiu-lhe nos olhos o excremento d'estas aves, do que resultou ficar cego. Soffreu com grande paciencia este golpe, o genio ralhador e inquieto de sua mulher e as censuras dos amigos, que procuravam convencel-o da inutilidade das suas obras de caridade e da inefficacia das suas orações.

O sancto varão, porém, orava sempre. Ao mesmo tempo que Tobias dirigia supplicas ao Altissimo, uma donzella chamada Sara, natural de Rajuel da cidade de Ragés dos Medos, affrontada por uma sua criada, que lhe lançara em rosto o ter morto sete maridos, conturbada e afflicta recolhera-se a seu aposento, e banhada em lagrimas levantava o seu coração ao Senhor, pedindo-lhe, que ou terminasse o seu opprobrio ou lhe tirasse a vida. O Senhor ouviu as orações dos seus servos, e enviou o anjo Raphael para os curar.

Chamou Tobias a seu filho para lhe dar a benção paterna, pois julgava chegado o termo da sua vida e disse-lhe o

seguinte: « Meu filho, ouve as palavras da minha bocca, conserva-as em teu coração, como norma da tua conducta. Quando Deus haja recebido a minha alma, enterra meu corpo e honra tua mãe, enquanto viva fôr, porque debes ter presente quantos e quão grandes trabalhos tem padecido por tua causa: e quando morrer, cuida de que seja sepultada junto de mim.

« Em todos os dias da tua vida has de ter a Deus presente e acautela-te, não consintas no peccado, nem transgidas preceito algum do nosso Deus.

« Dá esmolas da tua fazenda e não apartes os olhos de nenhum pobre, porque d'esta sorte tambem não apartará Deus os seus de ti. Sê misericordioso consoante t'o permittirem as circumstancias; se muito tiveres, dá muito; se pouco, dá tambem esmola do pouco.

« D'este modo entesouras um grande premio para o dia da necessidade; porque a esmola livra do peccado e da morte e não permittirá, que vá a alma para as trevas. A esmola dará uma grande confiança a todos os que dão deante da face do mesmo Deus. Guarda-te, meu filho, de toda a impureza, e jamais tentes conhecer outra que não seja tua mulher. Nunca consintas que domine a soberba em teus pensamentos e palavras, porque ella foi o principio de toda a perdição. Paga logo o salario áquelle que para ti trabalhou e por motivo algum retenhas em teu poder o estipendio do que te serve.

« O que não quizeras que te fizessem a ti não faças tu aos outros. Reparte teu pão com os que têm fome e com os necessitados, e cobre com teus vestidos aos que vives nus. Sobre a sepultura do justo põe vinho e pão, mas nem comas nem bebas d'elle em companhia dos peccadores; pede sempre conselho áquelle que fôr sabio; heindiz sempre a Deus; e pede-lhe que dirija teus caminhos e que de ti se não apartem seus conselhos.

« Tambem te participo, filho, que sendo tu noviço, emprestei dez talentos de prata a Gabelo, natural de Ragés, cidade dos Medos, do qual conservo caução. Não temas, filho meu: na verdade passamos uma vida pobre; mas teremos muitos bens se termemos a Deus, se nos apartarmos do peccado e praticarmos a virtude ».

Pareceu ao filho de Tobias, que era impossivel cobrar tal quantia. Tobias disse-lhe que fosse á praça saber d'algun viajante, que o encaminhasse para Ragés. Em cumprimento d'esta ordem, encontrou o moço Tobias a um homem gentil e já disposto para fazer viagem. Perguntou-lhe se conhecia Ragés, dos Medos; recebendo resposta de que não só conhecia a cidade, mas o proprio Gabelo, Tobias pediu-lhe, que esperasse

um pouco, enquanto ia dar parte a seu pae do feliz encontro. O velho Tobias mostrou desejo de vêr e conversar o supposto viajante, que era o archanjo S. Raphael. Resolvida a viagem, foram o archanjo S. Raphael e o joven Tobias, a caminho da Mesopotamia. Nas margens do Tigre foi colhido um enorme peixe, que mais tarde serviu para dar vista ao velho Tobias.

Quasi no termo da viagem celebrou-se o casamento do joven companheiro do archanjo com sua prima, a atribulada Sara, filha de Ragucl; passadas duas semanas foi cobrada por S. Raphael a divida de Gabelo; Tobias recebeu seu filho com demonstrações de jubilo, recuperou a vista e rendeu acções de graças á misericórdia divina, que attendera ás suas supplicas. Tobias e seu filho, querendo manifestar a sua gratidão ao generoso companheiro, resolveram dar-lhe metade do que o joven trouxera de Ragés.

Foi-lhe feita a proposta e em seguida o archanjo disse-lhes: « Bemdizei a Deus do céo e dae-lhe graças deante de todos os viventes, porque usou comvosco de sua misericórdia ».

Accrescentou a isto maximas e conselhos; descobriu-se-lhes emfim como um dos sete espiritos, que estão sempre deante da face do Senhor. Ao ouvir isto, prostaram-se em adoração. Então falou-lhes Raphael n'estes termos: « A paz seja comvosco; não temaes, porque quando eu estava com vós outros estava por vontade de Deus; bemdizei e cantae seus louvores. Na verdade parecia, que eu comia e bebia comvosco; mas eu alimento-me de uma comida e bebo uma bebida, que não estão sujeitas aos olhares dos homens. Já, pois, é tempo de voltar para junto d'Aquelle, que me enviou; vós confessae a Deus e contae todas as suas maravilhas ». Dito isto, desapareceu e não mais o viram.

Ris tudo quanto se sabe da historia de S. Raphael, o archanjo, cuja gravura apresentamos hoje. Na peninsula é grande a devoção a este espirito celeste, cuja festa especial se celebra em 24 de outubro.

O nome — Raphael — quer dizer — Medicina de Deus.

Marat

(Vid. pag. 247)

Não se admirem os leitores de vêr nas paginas do *Progresso Catholico* os traços physionomicos de Marat, o demagogo da epocha do Terror, de triste e execranda memoria.

Uma gravura na nossa revista pôde ser um preito de homenagem á virtude,

ou uma censura acerba ao crime. Estamos no ullimo caso. Ouçamos o que diz o insuspeito Henri Martin, na *Historia de França*, ácerca do feroz revolucionario: « Marat fizera todo o mal, que podia fazer. No dia 2 de junho, em que assumira por momentos o papel de dictador, a sua actividade malfazeja, como que se esgotou. Doente, gasto em resultado de quatro annos de enfurecimentos continuos e febris, deixára de apparecer na convenção. A sua raiva tinha intermittencias e era de presumir, que se lhe extinguisse em breve com a vida... »

Marat foi assassinado no banho por Carlota Corday no dia 13 de julho, pelas 7 horas da tarde. Nos interrogatorios a que era submettida, Carlota tinha as seguintes respostas:

— Quem a induziu a assassinar Marat?

— Os seus crimes.

— E quaes eram as suas ideias, matando-o?

— Restituir a paz ao meu paiz.

— Julga então ter morto todos os Marats?

— Morto aquelle, talvez que os outros se amedrontem.

E foi em honra d'este Marat, que se erigiram tabernaculos e arcos triumphaes!... Insania!...

RETROSPECTO

Exercicios espirituaes ao clero

Hão-de começar no dia 18, ás 4 horas da tarde, e terminar no dia 24, ao meio dia, do proximo mez de novembro, na capella do S. Coração de Jesus, em Braga.

Rogo aos rev.^{mos} snrs. sacerdotes, que os desejarem fazer n'esta occasião, queiram prevenir a tempo e declarar juntamente, se, no dia da entrada, lhes convem jantar na casa do retiro, para se lhes guardar e servir ás 2 horas da tarde.

Braga, rua de S. Bernabé, 18 d'outubro de 1884.

PADRE LUIZ CAMPO SANTO.

Os exercicios espirituaes ao clero vão-se propagando d'um modo admiravel.

É a Providencia a velar por nós. É possível, que n'um futuro, proximo talvez, nós, os catholicos, tenhamos de lutar com os inimigos, que nos odeiam de morte e que (felizmente) vão pondo de parte a mascara hypocrita, que tinham afivelado em seu rosto, mostran-

do-nos *mel nos labios*, para enabrir o *fel do coração*, e se apresentam em lucta aberta, que embora depravada e verdadeiramente infernal, é contudo mais generosa, porque nos fazem saber d'onde nos vem o mal e quaes os meios com que devemos combatel-o.

Para que, porém, o nosso *exercito* possa arcar com as forças inimigas, precisamos da união dos catholicos e especialmente do clero, e esta só pôde conseguir-se pelos exercicios espirituaes. O nosso clero tem comprehendido isto perfeitamente, e eis o motivo, por que estes salutaes e beneficos retiros teem sido ultimamente muito concorridos.

*

No Seminario de Nossa Senhora da Oliveira houve tambem exercicios espirituaes aos jovens seminaristas e alumnos externos, que se destinam ao estado ecclesiastico. Foram conferentes os rev.^{mos} padres Ignacio Leva e Garcia, S. J. Concluíram por uma communião geral e solemne « Te-Deum ».

Assim, e só assim, poderemos ter um clero á altura da sua sancta missão.

A educação, que se ministra, e a disciplina, que se observa, no nosso seminario, podem servir de modelo aos estabelecimentos congengeres, que são objecto da solitudine dos exc.^{mos} e rev.^{mos} Ordinarios, conhecedores do grande alcance e superiores vantagens da formação de bons padres.

O numero de alumnos internos do Seminario de Nossa Senhora da Oliveira é de 107. Foram nomeados dois novos prefeitos, os snrs. padres Paulo Gonçalves Ferreira, que é tambem professor de musica, e Antonio Gualberto Pereira. Ao digno Vice-Reitor damos parabens pela acertada escolha.

*

A devoção do Rosario, tão recommendada por Sua Santidade Leão XIII, tem-se propagado d'um modo admiravel. Em Guimarães rezou-se o Terço com maior ou menor solemnidade nos seguintes templos: Collegiada, Seminario, S. Paio, S. Sebastião, S. Domingos, S. Francisco, Campo da Feira, S. Damaso, Capuchas e Anjo.

*

Ao nosso prezado collega o *Commercio do Minho*, agradecemos o modo como se refere ao povo de Guimarães, em artigo publicado em seu numero 3:227 e declaramos que achamos perfeitamente correcta a sua attitude para com esta cidade, e digna e honrosa a explicação do seu modo de proceder. Damos louvores a Deus por se

offerecer esta occasião de *explicações*, que, unindo-nos mais, farão calar uma certa voz que de *publica* só tem o titulo, a qual apregoa sempre *rixas* velhas, como causa das nossas manifestações catholicas.

Ainda bem, que a tal *Voz* vai perdendo o credito (se em algum tempo o teve). E isto, não porque defenda o seu ideal politico — usa d'um direito, que ninguem lhe contesta. — mas porque, vendo antagonismo entre o phrygio e a Cruz, entre a republica e a Religião, guerreira esta d'um modo pouco digno, porque chega a servir-se da calumnia e da mentira, para deprimir e tornar odiosos os seus ministros. Ainda ha pouco, n'um dos seus ultimos numeros, dizia, que um sacerdote catholico espancára um individuo portuguez, em Hespanha, por este declarar, que era *mação*. Claro, que esta noticia era acompanhada dos respectivos commentarios, em que o padre era apresentado como um verdugo.

Averigua-se, porém, o caso, o acontece, que os papeis se trocaram: o aggressor foi o tal *mação*, que, impellido pelo odio sectario, espancou o inoffensivo sacerdote, a quem não conhecia, declarando em seguida, que procedia assim, *porquo era mação*. Qual a obrigação da *Voz*? Um vassallo do *Gungunhana*, apesar do seu *angulo facial* e das trevas que o envolvem, responderia — *Rectificar*.

A *Voz*, porém, não o entende assim e... pedra sobre o caso... porque d'esta fórma mais depressa se assentará no banco do poder a *ré-publica*.

A *Vanguarda*, orgão que acompanha perfeitamente a tal *Voz*, não desmente o seu titulo, no lugar, que occupa no exercito do mal, que fareja escandalos, deturpando-os e avolumando-os, para salvacão da *ré-publica* e consecucão dos *dez reisinhos*.

N'um dos seus ultimos numeros apresenta a *Vanguarda* no cimo d'uma columna o seguinte espaventoso titulo, em normando, para melhor chamar a attenção dos leitores:

« Os escandalos dos conventos — Outro escandalo — Um asylo feito casa de reclusão — Uma mulher enclausurada — Jesuita que abandona a mãe — Fuga da enclausurada e tentativa de suicidio — A volta á clausura ».

Isto apregoado nas ruas de Lisboa e terras da provincia pela voz roufenha dos *vendadores* da *gazeta*, era de efeito... Os *impiosinhos* de todas as terras e até... (proh dolor!) e até muitos

catholicos haviam de comprar pelo modico preço de 10 reis aquelle *papel*, para lér a grande novidade... Triste!

*

Mas saibamos o que significa todo aquelle aranzel da *Vanguarda*. Conta o nosso prezado collega *Correio Nacional*: « Uma recolhida no Asylo das Irmãsinhas dos Pobres, em Campolide, e que ha tempos sofre de alienação mental, conseguiu no dia 16 de setembro ultimo escapar-se do asylo e tomou a direcção da Rabicha. Seguida por uns trabalhadores, que a avistaram, apenas desconfiou, que a perseguiam, atirou-se a um dos tanques dos Telheiros, que existem na quinta do Pinto, e que pouco mais terá, que meio metro de altura d'agua ».

A *Vanguarda* diz assim:

« Contou a fugitiva:

« — Tinha-a o filho mettido no Asylo das Irmãsinhas Pobres, depois de a ter tido no Varatojo. Não podia abi viver: tinha fome e estava presa. E para que havia de estar alli? Escusava de estar n'um asylo. Tinha algum dinheiro, tinha terras. Acostumada ao campo, acostumada ao trabalho, não podia, não queria estar alli. Fôra ella, que formára o filho, que o educára, que lhe pagára os estudos e para quê? Para elle a prender n'um asylo, onde não tinha liberdade e passava fome!

« E a pobre chorava e gritava.

« Mas querem saber quem é esse padre, que metteu a mãe no Asylo das Irmãsinhas dos Pobres?

« É um jesuita que estava até ha pouco tempo no convento do Varatojo e que hoje está no collegio de Campolide ».

*

Ao calumniador responde, e muito bem, o *Correio Nacional*:

« Não sabemos se a fugitiva disse ou não o que lhe attribue a *Vanguarda*. Podia dizel-o, mas o lamentavel estado em que se encontram as suas faculdades intellectuaes inhibe-nos de prestar credito ás suas palavras.

« É falso, porém, que essa mulher sahisse do Varatojo para o asylo. Nunca lá esteve, nem tão pouco o filho, que é *parochi collado*, na diocese do Porto, e que nunca esteve tambem em Campolide, nem pertence á Companhia de Jesus, como mentirosamente afirma a *Vanguarda*. (É verdade que para esta folha todos os catholicos, seculares ou ecclesiasticos, são jesuitas! O jesuita é um espectro que a assusta, que a aterrorisa e... que ella pretende explorar).

« Esse parochi, filho da fugitiva, em-

pregou todos os meios para a conservar em sua companhia. Ultimamente, porém, accentuára-se-lhe mais a monomania da fuga, e, além d'isso, teimava em o procurar e falar-lhe na occasião em que elle celebrava o sacrificio da missa.

« N'estas circumstancias, e por mais doloroso que isso fosse para o seu coração de filho dedicado, viu-se na cruel necessidade de se separar d'ella.

« Horrorisava-o todavia a ideia de a recolher n'um hospital de alienados, e por isso, e tambem porque não era furiosa a sua loucura, conseguiu que ella fosse admitida no Asylo das Irmãsinhas dos Pobres.

« Apenas teve conhecimento do facto a que já nos referimos, esse filho, que a caluniadora *Vanguarda* accusa de querer enclausurar a mãe, veio immediatamente ao asylo, e depois de alguns dias de demora em casa do capellão, onde esteve hospedado com sua mãe, foi acompanhada a Madrid, ao asylo de S. João de Deus, aonde ficou e ainda hoje se encontra, pagando elle a respectiva mensalidade.

« É, pois, falso que essa mulher entrasse novamente em Campolide e que alli se conserve ainda, como afirma a caluniadora *Vanguarda*.

« Estão-nos saltando do bico da penna os commentarios que merecia esta nova calumnia.

« Mas não os fazemos porque, francamente, repugna-nos ».

Ao nosso prezado collega repugna-lhe chamar *infame* a este modo de proceder da *Vanguarda*. Não é preciso, porém, chamar-lh'o, a replica leva a essa conclusão e todos, *una voce*, reprovarão tão vil procedimento. Excepto a *Voz Publica*, porque... *arcades ambo*.

*

Promettem ser imponentissimas as festas realisadas em Lisboa, por occasião do 7.º centenario do nascimento de Sancto Antonio. Foi constituida n'aquella cidade uma commissão central composta de damas e cavalheiros da primeira sociedade lisbonense. Brevemente será apresentado o programma.

*

Um contraste: A bordo do *Cazengo* vai para *Lourenço Marques* uma expedição de bravos soldados portuguezes, entoando canticos patrioticos e abrazados em amor pela patria, que vão defender. N'um outro *barco* — o parlamento — canta-se o « em regra » e faz-se politica de egoismo. Que differença!...

Harmonias: *Lourenço Marques*, 15. Os cafres atacaram de novo a cidade.

Ontem, pela uma hora da tarde, na praça de Camões, socaram-se valentemente, junto ao elevador, os snrs. Constantino Roque da Costa e Christovão Pinto, deputados pela India, o primeiro regenerador e o segundo progressista... (Nação, de 20 d'outubro). Que similhaça!

*

O notavel tribuho hespanhol, D. Emilio Castellar, foi recebido por S. Santidade em audiencia particular. Impressionado, entusiasmado pela magestade, bondade e elevação de espirito do Sancto Prisioneiro do Vaticano, Emilio Castellar fez-lhe os mais rasgados elogios e declarou, que Leão XIII é um espirito superior, um homem verdadeiramente extraordinario, que conhece bem a epocha em que vive e as necessidades do tempo. O jornalismo maçonico da *Roma Intangível* não gostou, mas, mau grado seu, teve de publicar os rasgados elogios, que o illustre orador dispensou ao Venerando Pontífice.

*

Mas... esperem, esperem que outro Emilio irá a Roma. Este, porém, não terá a consolação de escaruecer a Roma papal, como escarneceu Lourdes na sua obra immunda. Zola irá a Roma, mas... não verá o Papa. Assim se espera e é de justiça: *Nolite mittere margaritas ante porcos.*

*

Já estão em Roma monsenhor Jousef, patriarcha Melquita; monsenhor Azarian, patriarcha Armeno; monsenhor Benham Benni e o cardeal Langenieux, o incansavel prelado, que presidiu ao congresso eucharistico de Jerusalem. Vão a Roma afim de assistir a uma serie de reuniões e conferencias, presididas pelo Sancto Padre, que terão por fim realizar a grande obra de Leão XIII — a união da igreja oriental scismatica á verdadeira Igreja de Nosso Senhor Jesus Christo, cujo vi-gario unico na terra é o Pontífice Romano. A realisação d'esta união tão desejada pelo Pae commum dos fieis será um dos factos mais importantes do glorioso Pontificado de Leão XIII.

*

Foi imponentissimo o Congresso Catholico realisaado em Tarragona, na visinha Hespanha.

A sessão inaugural foi consagrada, como o haviam sido as dos congressos de Madrid, Saragoça e Sevilha, á questão do poder temporal do Papa, a que se referiu o Cardeal Arcebispo de Sevilha, n'um bello discurso e que foi admiravelmente tractada na primeira sessão

pelo barão de Quatro Torres, que discursou sobre o seguinte thema: «Os direitos imprescriptiveis do Romano Pontífice á soberania temporal são direitos de todos os catholicos; emquanto não forem attendidas as reclamações do Sancto Padre não devem cessar os protestos de seus filhos».

Na segunda sessão fallaram o Marquez de Valle-Ameno, cujo discurso versou sobre o «Direito de propriedade da Igreja e seu estado actual, depois das vicissitudes por que hão passado os bens ecclesiasticos na Hespanha»; o conego da cathedral de Tarragona, D. Antonio Balcells e Suelves, que dissertou acerca da utilidade dos circulos catholicos de operarios; e o notavel orador snr. Sanz y Escartin, que tractou do seguinte thema importantissimo pela sua actualidade: «Necessidade de que a aggremação das classes operarias seja baseada na Religião Catholica, para contrariar a propaganda do socialismo e anarchismo».

*

As auctoridades civis de Tarragona teem tomado parte muito activa nas festas que os congressistas e habitantes d'aquella cidade teem promovido.

*

E isto que se vê na Hespanha está-se dando em todo o orbe.

Só em Portugal, n'esta nação fidelissima, é que os congressos catholicos são em numero linitadissimo...

*

O congresso franciscano de Terceiros resolveu que a reunião do proximo anno se celebre em Assis, berço do seraphico Patriarcha.

*

Como recordação do jubileu episcopal de Leão XIII — o Pontífice do Rosario — foi collocada no sanctuario de Lourdes uma grande alampada de prata, feita por M. Armand Callyat, artista de Lyon.

Houve festa celebrada em Lourdes por este motivo, á qual presidiu o Prefeito da Congregação das Indulgencias, o Cardeal Persico, assistindo os Bispos de Tarbes e de Monaco.

*

Os leitores ainda se lembram d'umas moedas portuguezas chamadas — *crúzados* — por terem cunhado o symbolo da Redempção, rodeado com a legenda — *In hoc signo vinces?*

Essa bella prata acabou e hoje estamos reduzidos á *nota* sordida e suja.

A sonancia d'esse metal mostrava-nos a nossa riqueza e a Cruz indicava os nossos sentimentos religiosos...

Isto não quer dizer que a importancia das assignaturas d'um jornal seja paga em *crúzados novos*, não; a *nota* serve; mas veio a proposito esta referencia, porque l'emos no *Nouveau Moniteur de Rome* um artigo archeologico acerca da antiga moeda pontificia, que tinha gravado o escudo das armas do Pontífice reinante e certas sentenças muito curiosas e uteis. Eis algumas: — «Quem é verdadeiramente pobre? — O avarento» — «A avareza e a usura são a morte da alma» — «Eu sou a origem de todo o mal» — «*Vae divitibus*» — «Deus é a caridade», etc.

De forma que o dinheiro era um *memorare* continuo dos vícios para os repellir, das virtudes para as abraçar.

*

O exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. D. Francisco José, Bispo d'Augra, foi recebido em Braga com todo o respeito devido a um principe da Igreja e com toda a affeição, que merecem as suas bellas qualidades de coração e de character. Foi esperado na estação do caminho de ferro por individuos de todas as posições sociaes, desde o illustre Primaz das Hespanhas e auctoridades civis até ao humilde operario e simples fiel. S. exc.^a rev.^{ma} é muito estimado pelo povo bracearense, que durante muitos annos pôde apreciar a bondade do seu generoso coração.

*

O *Progresso Catholico* apresenta o seu cartão de cumprimento ao illustre Prelado Angrense.

*

Acha-se entre nós com sua exc.^{ma} esposa e cunhada, o nosso prezado amigo, bondoso assignante e apreciado escriptor, snr. Albano Bellino.

*

Regressou da Povia de Varzim, onde esteve a uso de banhos, o nosso querido collega, exc.^{mo} snr. Simão Neves, muito digno administrador do *Progresso Catholico*.

Os nossos bondosos assignantes, que se lhe tivessem dirigido e cuja correspondencia exigisse resposta rapida, ficam assim sabendo qual o motivo da demora.

*

Ámanhã é a commemoração de todos os Fieis Defunctos. Devemos orar pelos mortos e meditar na *viagem* que todos

temos de fazer. Veja-se a seguinte curiosissima *tabella* :

Caminhos de ferro de Além-Campa

Linhas do Paraíso e do Inferno em combinação com as da Morte e do Juizo

Indicações para os passageiros de ambas as linhas

Linha do Paraíso

Saída dos comboios: A todas as horas.
Chegada: Quando Deus quizer.

Preços dos bilhetes

- 1.^a classe: Innocencia e sacrificio voluntario.
- 2.^a classe: Penitencia e confiança em Deus.
- 3.^a classe: Arrependimento e resignação.

Advertencias

- 1.^a Não se dão bilhetes de ida e volta.
- 2.^a Não ha comboios chamados de *recreio*.
- 3.^a Creanças menores de sete annos vão gratis, comtanto que vão nos braços de sua mãe a Igreja.
- 4.^a Os agentes e empregados da empresa não terão abatimento de preço, mas receberão um augmento de ordenado em proporção de seus serviços.
- 5.^a Aos passageiros não se permite mais bagagem que as suas boas obras, aliás expõem-se a perder o comboio ou a serem delidos mais ou menos tempo antes de chegarem ao termo da viagem.
- 6.^a Recebem-se passageiros em toda a linha, de qualquer procedencia, com-

tanto que tragam os passaportes em regra e em papel de *marca romana*.

7.^a O despacho central de bilhetes está aberto a todas as horas no tribunal da Penitencia. Os que não poderem proseguir a viagem por terem perdido o bilhete, poderão renovar-o no sobredito despacho.

Linha do Inferno

Saída dos comboios: Á vontade do passageiro.

Chegada: Quando menos o pensar.

Preço dos bilhetes

- 1.^a classe: Impiedade.
- 2.^a classe: Sensualismo.
- 3.^a classe: Indifferentismo.

Advertencias

- 1.^a Toda a moeda em circulação com o sello do peccado serve, e sem desconto, para o pagamento d'estes bilhetes.
- 2.^a Todos os comboios d'esta linha se chamam de *recreio*.
- 3.^a Creanças menores de sete annos não circulam por esta linha.
- 4.^a Os agentes ou empregados d'esta companhia, irão em 1.^a classe, por ajudarem a empresa em seus respectivos officios.
- 5.^a Os passageiros levarão quanta bagagem quizerem, mas deverão deixar tudo, menos a alma, na estação da Morte.
- 6.^a Dá-se transferencia d'esta linha para a do Paraíso, referendando o bi-

lhete perante um Sacerdote, antes de o comboio entroncar com o da Morte.

Este comboio da Morte nem varia nem volta nunca.

7.^a Não longe da estação da *Morte*, encontrarão os passageiros a do *Juizo*, e d'aqui seguirá cada qual, segundo a distribuição feita pelo Juiz Supremo, a linha que conduz a seu destino eterno e irrevogavel.

Memorare novissima tua...

R.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Lousada. — Á nossa sollicita correspondente agradecemos os obsequios recebidos.

Mandamos os recibos aos exc.^{mos} assignantes indicados.

S. N.

ANNUNCIOS

HISTORIA DA APPARIÇÃO

DE

Nossa Senhora de Salette

COM VIA-SACRA E NOVENA

Preço. 60 reis

Á venda na administração do Progresso Catholico.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis — Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União geral dos correios, 1\$000 reis — Estados da India, China e America, 1\$280 reis (moeda portugueza)
Numero avulso 100 reis. — Edição de papel de luxo, mais 200 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um anno

REDACTOR

Padre Gaspar da Costa Roriz, Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco

ADMINISTRADOR

Simão Neves

Redacção e administração — Rua Nova de Santo Antonio n.ºs 55 a 59 — GUIMARÃES